

Homofobia Como Fator De Exclusão Escolar¹

Joaquim Clemente da Silva NETO²

Aline Paiva dos SANTOS³

Eliana da Silva LOPES⁴

Marta Bezerra PEREIRA⁵

Clivia Andriely Cardoso Silva⁶

Antonio Carlos SARDINHA⁷

Universidade Federal do Amapá, Macapá, Amapá

RESUMO

Reportagem produzida por alunos de graduação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, com o tema bullying homofóbico no contexto escolar; aplicando conceitos estudados na disciplina Redação Jornalística. Dentre os conceitos utilizados na produção da reportagem, foi priorizada a diversidade de fontes para aprofundar a apuração das informações e humanizar a notícia. A proposta da pauta e a abordagem apresentada justificam-se pela invisibilidade do tema na cobertura jornalística local.

Palavras-chave: Homofobia; Bullying; Exclusão escolar.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho será abordado o processo de construção da reportagem “Homofobia Como Fator de Exclusão Escolar”, produzida por alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, na disciplina de Redação Jornalística. Para construção da reportagem e deste *paper* foram utilizados reflexões de autores da área de redação e

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo impresso (avulso).

² Aluno Líder do Grupo e estudante do 5º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. Email: joaquim.netto@gmail.com

³ Acadêmica do 5º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá.

⁴ Acadêmica do 5º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá.

⁵ Acadêmica do 5º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá.

⁶ Acadêmica do 5º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá.

⁷ Professor Orientador.

reportagem. É descrito todo o desenvolvimento de produção da reportagem, as dificuldades e técnicas utilizadas na confecção da matéria.

OBJETIVO

O objetivo do trabalho a ser apresentado é dar visibilidade a um tema recorrente nas escolas brasileiras: o bullying homofóbico, tratado superficialmente pela mídia. Além disso, a proposta é abordar o que tem sido feito, no âmbito de políticas públicas, no combate a essa prática, tanto no cenário local quanto no nacional.

JUSTIFICATIVA

O preconceito e a discriminação sofridos por alunos homossexuais dentro de colégios públicos e privados do país têm levado a altos índices de exclusão e evasão escolar. Segundo dados da pesquisa “Estudos Sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar”, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), utilizada na reportagem e publicada em maio de 2009, diversos fatores contribuem para essa realidade. A análise indica que a homofobia é uma realidade dentro de instituições de ensino e que as equipes pedagógicas reconhecem, mas pouco fazem para inibir essa prática.

Observa-se nos noticiários nacionais que questões como as citadas acima são tratadas de forma superficial, e quando abordadas nos meios de comunicação, ocorrem, unicamente, por estarem relacionadas a projetos e polêmicas que geram grande discussão entre deputados e senadores favoráveis a políticas de combate a essa forma de bullying.

Além disso, o tema quando discutido pela imprensa fica restrito a pretensas polêmicas envolvendo questões morais e religiosas que pouco contribuem para elucidar a questão, tarefa do jornalismo que é responsável por qualificar a esfera pública de discussão sobre temas de interesse público.

O exemplo desta perspectiva de cobertura foi a abordagem pela mídia, em 2011, do projeto conhecido como "Kit Gay", reduzida a questões político-eleitorais e pouco apta a discutir a problemática que permeava a proposta em questão.

Buscando tratar esse tema que afeta a milhares de estudantes em todo o país, e que não é diferente na cidade de Macapá (AP), a reportagem procurou aproximar o leitor de algumas dessas vítimas de *bullying* homofóbico, ouvindo também profissionais da educação

- em diferentes níveis de atuação -, uma organização local voltada ao combate da homofobia, também dando espaço a representação política empenhada nessa luta.

A proposta foi ampliar as perspectivas sobre o tema e contribuir com uma reflexão ampla da questão no exercício da reportagem como narrativa elucidativa sobre temas de interesse público.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O ponto de partida da reportagem foi a escolha do assunto a ser abordado, visto que a equipe foi a responsável por todas as etapas de produção da reportagem - da preparação de pauta à edição, passando pela coleta de informação e entrevistas com as fontes que precisariam ser ouvidas.

Buscando aproximar o leitor da realidade de alunos que sofrem esse tipo de *bullying*, optamos por exemplificar casos reais dessa forma de exclusão, que mesmo constantemente abordados na mídia, permanecem sem contextualização, aproximando por meio de relatos e boas histórias o leitor do tema, considerando que “o leitor deseja saber o que ainda desconhece, ou que sabia apenas superficialmente”. (ERBOLATO, 2004, p. 55)

O processo de apuração de informação teve início a partir das entrevistas com os alunos vítimas de homofobia. Segundo Aldo Antonio Schmtiz (2011, p.12):

"O saber do jornalismo também é construído pela fonte, embora não se preste a devida atenção à sua relação com a mídia. As notícias resultam de processos complexos da interação, mas há limites na sua produção, por isso, cada vez mais as fontes fornecem conteúdos prontos para uso."

Foi a partir dessa ideia que a pauta pode ser apurada. Com os relatos das vítimas, pudemos buscar fontes responsáveis para esclarecer e discutir as causas e soluções ao problema.

Conforme Lage (2006) as fontes podem ser mais ou menos confiáveis, pessoais, institucionais ou documentais. Classificam-se em:

"Fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. Fontes

independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso" (LAGE 2006, p.62-63)

As vítimas da homofobia como personagens centrais foram em certa medida officinas ao apontarem para questões envolvendo a homofobia escolar, que apuradas com rigor das técnicas de entrevista e checagem, acabavam confirmando as situações negadas pelas fontes oficiais (direção do colégio). Estas fontes assumiam, nesse sentido, o papel de personagens aptos a conduzirem com suas experiências o leitor à problemática narrada.

Um dos adolescentes, vítima de homofobia em uma escola pública, afirmou que mesmo após a direção do colégio estar ciente da agressão por ele sofrida, não tomou nenhuma atitude. O relato foi fundamental para que a equipe pedagógica, fonte oficial, se posicionasse e os repórteres acessassem a informação de que a política pública de educação é omissa ao problema.

A reportagem contou com outras fontes oficiais, dentre elas diretoras escolares, a chefe da Coordenadoria de Educação Básica e Profissional da Secretaria de Estado da Educação, o presidente da Federação Amapaense de LGBTs e o Deputado Estadual do PSol/RJ, Jean Wyllys.

O mesmo adolescente que levou a diretoria do colégio se posicionar sobre a agressão sofrida, preferiu não se identificar. Conforme Schmtiz (2011, p.67), a fonte tem o direito de se manter anônima, amparada pelo artigo 5º, inciso XIV, da Constituição Federal. O profissional da comunicação, assegurado pelo código de ética dos jornalistas brasileiros, da Fenaj (2008), também, caso necessário, pode resguardar o sigilo da fonte. O autor também diz que o conteúdo revelado pela fonte pode ser usado "como uma sugestão de pauta e ponto de partida para apuração dos fatos".

No processo de produção da reportagem, a escolha de aproximar o leitor das vítimas de *bullying* também se deu em razão da humanização da informação. Schmtiz (2011, p.16) afirma que noticiar com a frieza da objetividade torna o conteúdo superficial e sem apelo. Por isso, o jornalismo recorre ao conhecimento das fontes, para aprofundar a apuração e humanizar a notícia.

Durante a apuração das informações, um grande obstáculo encontrado foi a contradição entre fontes ouvidas. "As fontes podem mentir, mas é de se esperar que não mintam". (LAGE, 2001, p.54). E segundo Jorge Duarte (2010), existem critérios a serem seguidos para o que pode ou não ser notícia. Entre eles, a credibilidade, ou seja, o jornalista tem de confiar nas fontes e nas informações por elas fornecidas, por esse motivo, a

reportagem também optou por ouvir fontes oficiais.

A contradição revela-se na tentativa das fontes em tocar ou afirmar a existência do problema, por se tratar de uma questão sensível ao cotidiano escolar, o que leva a outra questão que é a pouca disponibilidade de informação sobre o assunto, sobretudo no âmbito local.

A disponibilidade é outro critério citado por Duarte, e para ele, é necessário que haja informações suficientes sobre o tema bem como, fontes disponíveis e acessíveis.

Na reportagem, procurou-se utilizar de linguagem objetiva, para melhor compreensão por parte dos leitores. Para Erbolato (2004) a objetividade é uma característica da notícia. Deve ser publicada de forma sintética, sem rodeios e de maneira a dar a noção correta do assunto focalizado. Concordando com essa afirmação, Lage (2007) argumenta que o importante da comunicação é fazer-se entender.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem foi estruturada de forma a possibilitar ao leitor melhor entendimento sobre o tema abordado. Inicia-se com relato de *bullying homofóbico* sofrido pelo escritor amapaense Antonio Fernandes durante sua vida escolar. O caso de Antonio foi utilizado, logo de início, para comprovar a realidade das agressões sofridas por um aluno em decorrência de sua orientação sexual. Em seguida, foi conceituado o termo bullying e utilizada uma pesquisa para comprovar a existência dessa prática nas instituições de ensino por todo o país.

Após explanação dos dados da pesquisa, buscou-se contextualizar a prática do bullying no cenário local. Para que isso ocorresse, foi necessário ouvir fontes que pudessem esclarecer a respeito do tema. Dentre as fontes, foram entrevistadas diretoras pedagógicas de escolas públicas e da rede privada de ensino, o presidente da Federação Amapaense de LGBTs e a chefe da Coordenadoria de Educação Básica e Profissional da Secretaria de Estado da Educação. Procurou-se demonstrar a contradição entre as fontes relacionadas à negação/invisibilidade para o problema (e identificadas no processo de apuração) de forma a apontar que a situação em Macapá reflete um cenário amplamente mapeado em pesquisas nacionais sobre homofobia na escola.

Houve divergências sobre o posicionamento do poder público diante dos fatos. A Secretaria de Estado da Educação argumentou sobre a existência de políticas públicas que

combatam a prática de exclusão escolar. Já o deputado federal Jean Wyllys, questionou a ação da Presidência da República no veto a um projeto criado para inibir e orientar profissionais da educação a respeito da orientação sexual dos alunos. Wyllys também criticou políticos que, segundo ele, vão ao Congresso Nacional fazer projetos de suas religiões e acabam por não agir em favor das vítimas de homofobia.

A reportagem termina com dois *boxes*, o primeiro detalha, em primeira pessoa, as agressões sofridas pelo escritor que inicia a matéria e o segundo traz informações a respeito do serviço oferecido pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), o “Disque 100”, destinado a receber denúncias relativas a violações de direitos humanos.

CONSIDERAÇÕES

Este *paper* buscou esclarecer o processo de produção da reportagem “Homofobia Como Fator De Exclusão Escolar”, que por sua vez, procurou, de forma diferenciada, informar a respeito de uma prática que acaba por contribuir com a exclusão escolar. A maneira como o tema foi tratado permite aos leitores melhor compreensão e, conseqüentemente, oferta elementos para reflexão a respeito do tema retratado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUARTE, Jorge. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**: teoria e técnica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SCHMTIZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. 1. ed. Florianópolis: Combook, 2011.